



## A GEOGRAFIA EM MOVIMENTO:

# NARRATIVAS SOBRE O AGRONEGÓCIO E MATERIAL DIDÁTICO<sup>1</sup>

Nivea Muniz Vieira<sup>2</sup>

Orientadora: Júlia Adão Bernardes<sup>3</sup>

### RESUMO

O agronegócio tem realizado estratégias econômicas de capital financeiro sob iniciativas privadas articuladas ao patrocínio de políticas de Estado (DELGADO, 2012). O Estado passou a privilegiar cada vez mais as demandas do capital e projetos hegemônicos de acumulação de capital foram estabelecidos na economia do agronegócio. Falar de agronegócio também é falar de discursos, de poder, de disputas, de propaganda, de cultura e de Educação. Afinal, o agronegócio brasileiro, que tem ultrapassado os “limites” dos debates econômicos e políticos, avança na área da Educação e chega à sala de aula. O marketing criado para defender a sua existência e permanência, sem ser iluminado por uma visão crítica, impõe-se por meio de propagandas e discursos disseminados na campanha “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”. Narrativas acrílicas acerca do agronegócio brasileiro adentram nas casas e nas escolas, marcando presença por meio de discursos, de aulas e de materiais didáticos. O objetivo é analisar as atuais narrativas do agronegócio e seus impactos na Educação na busca por iluminar possibilidades em termos de abordagens curriculares e de elaboração de materiais didáticos de geografia. Dentre outros autores, Júlia Adão Bernardes e Paulo Freire, embasaram, respectivamente, o debate teórico no campo do agronegócio e da Educação à luz de uma metodologia de pesquisa pautada na práxis. Ultrapassando a teoria, apontamos para a necessária construção de caminhos a fim de abordar o tema de forma crítica em sala de aula, desconstruindo discursos hegemônicos e alienantes impostos pelos detentores do capital no campo do agronegócio.

**Palavras-chave:** Agronegócio, Análise de Discurso, Educação, Escola, Material Didático.

### ABSTRACT

Agribusiness has implemented financial capital economic strategies under private initiatives articulated with the sponsorship of State policies (DELGADO, 2012). The State has increasingly prioritized the demands of capital, and hegemonic capital accumulation projects have been established within the agribusiness economy. Talking about agribusiness is also talking about discourses: of power, disputes, propaganda, culture, and Education. After all, Brazilian agribusiness, which has surpassed the "limits" of economic and political debates, advances into the area of Education and reaches the classroom. The marketing created to defend its existence and permanence, unilluminated by a critical vision, imposes itself through advertisements and discourses disseminated in the campaign "Agro é tech, agro é pop, agro é tudo." Acritical narratives about Brazilian agribusiness enter homes and schools, marking their presence through discourses, lessons, and teaching materials. The objective is to analyze the current narratives of agribusiness and their impacts on Education in an attempt to illuminate possibilities

---

<sup>1</sup> Parte da discussão levantada no projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Pós-Doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ.

<sup>2</sup> Pós-Doutoranda do PPGG/UFRJ, Doutora em Geografia Humana USP, [niveamuniz@yahoo.com.br](mailto:niveamuniz@yahoo.com.br). Pesquisadora do NUCLAMB (UFRJ). Atuação: CEDERJ-UERJ, Secretaria Estadual e Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC e SME).

<sup>3</sup> Professora Doutora Júlia Adão Bernardes. Professora da Pós-Graduação em Geografia da UFRJ (PPGG/UFRJ), [juliaa@gmail.com](mailto:juliaa@gmail.com).



regarding curricular approaches and the development of Geography teaching materials. Among other authors, Júlia Adão Bernardes and Paulo Freire grounded the theoretical debate in the field of agribusiness and Education, respectively, in light of a research methodology based on praxis. Moving beyond theory, we point to the necessary construction of pathways to address the theme critically in the classroom, deconstructing hegemonic and alienating discourses imposed by the holders of capital in the field of agribusiness.

**Keywords:** Agribusiness, Discourse Analysis, Education, School, Teaching Material.

## INTRODUÇÃO

O agronegócio brasileiro tem realizado estratégias econômicas de capital financeiro sob iniciativas privadas articuladas ao patrocínio de políticas de Estado. O Estado passou a privilegiar cada vez mais as demandas do capital, agindo em sintonia com os interesses majoritários da produção econômica nesse setor. Projetos hegemônicos de acumulação de capital foram estabelecidos na economia do agronegócio.

Uma série de problemáticas espaciais foi gerada, colocando as questões relacionadas ao agronegócio em novos termos sociais, que são revestidos por discursos inovadores com distintas “roupagens” capazes de criar hábitos e provocar mudanças culturais, que intentam produzir novas narrativas e novos paradigmas.

Falar de agronegócio, portanto, também é falar de discursos, de poder, de disputas, de propaganda, de cultura e de Educação. Afinal, o agronegócio brasileiro, que tem ultrapassado os “limites” dos debates econômicos e políticos, avança na área da Educação e chega à sala de aula. O *marketing* criado para defender a sua existência e permanência, sem ser iluminado por uma visão crítica, impõe-se por meio de propagandas e discursos disseminados por intermédio da televisão, do rádio e da internet nas plataformas digitais em geral e nas redes sociais de forma específica.

Assim, narrativas “acríticas” acerca do agronegócio brasileiro adentram nas casas e nas escolas, marcando presença por meio de discursos, de aulas e de materiais didáticos. Neste discurso que deseja afirmar-se como neutro, temáticas relacionadas ao agronegócio ganham espaço na obscuridade, escondendo os debates, que estão por trás de sua existência e de seu crescimento. Surge, então, a questão central: Como abordar o agronegócio, de forma esclarecedora e crítica nas escolas, mesmo diante da propagação de uma visão acrítica sobre o assunto por intermédio de meios de comunicação de massa na mídia brasileira?



Articulado à questão central, o nosso objetivo geral é analisar as atuais narrativas do agronegócio e seus impactos na Educação na busca por iluminar novas possibilidades em termos de abordagens curriculares e de elaboração de materiais didáticos de geografia.

Sob essa perspectiva, podemos destacar parte dos objetivos específicos:

1) Iluminar o processo de expansão do agronegócio no Brasil, ressaltando a implementação e a consolidação de cadeias produtivas realizadas a partir de significativas transformações no tripé técnica, trabalho e espaço.

2) Debater o processo de construção e de disseminação dos atuais discursos hegemônicos acerca do agronegócio brasileiro, analisando a entrada dessas narrativas na Educação e/ou na sala de aula.

3) Iluminar as camadas da sociedade invisibilizadas nos discursos hegemônicos sobre o agronegócio, debatendo estratégias e possibilidades de luta por meio de materiais didáticos e novas propostas de abordagem em sala de aula.

Pautado nos anos 2000, neste recorte temporal, destacamos o ano de 2016, onde se dá início à campanha “Agro é Tech, agro é pop, agro é tudo”, que foi promovida pela Rede Globo de Televisão. Esta campanha auxiliou na construção de uma imagem positiva do sistema produtivo aqui abordado, sendo o agronegócio propagado como a única saída para o dinamismo do campo e modelo diante de uma crise econômica: “manteria o crescimento do Brasil” a partir da “indústria-riqueza do Brasil”. (MACIEL, SANTOS, SILVA, 2019).

A metodologia de pesquisa utilizada envolverá interações analíticas e processos ao iluminar a teoria e a prática em suas relações. Além do próprio levantamento bibliográfico baseado nos principais conceitos trabalhados, englobaremos os procedimentos relacionados à coleta e ao tratamento de dados primários e secundários.

Para realizar essa pesquisa, passamos por debates acerca de conceitos e categorias de análise a fim de viabilizar a construção de uma abordagem crítica sobre o agronegócio, que inclui reflexões sobre o conceito de espaço apreendido como território, narrativas sobre o agronegócio; comunicação em massa e propagandas; sobre a Educação, o que inclui reflexões sobre currículo, currículo oculto, território educativo e material didático.

Para isso, dentre outros, utilizaremos autores como: Júlia Adão Bernardes, Milton Santos, Guilherme Costa Delgado, Henry Giroux, Lana de Souza Cavalcanti e Paulo Freire. Vale destacar que Júlia Adão Bernardes e Paulo Freire foram os principais autores utilizados. Os trabalhos de Júlia Adão Bernardes serão utilizados na totalidade da pesquisa, uma vez que é referência no estudo do agronegócio. Paulo Freire embasará todo o debate teórico estabelecido no que tange ao campo da Educação, o que inclui reflexões travadas em sua obra “A pedagogia



da autonomia” e o próprio conceito de território educativo em particular. A tese de doutorado de Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, defendida em 2024, será de grande valia por tratar das “Geografias dos discursos hegemônicos: estratégias do agronegócio brasileiro na educação”. Nela, o autor aborda o projeto político do agronegócio brasileiro, considerando estratégias utilizadas para disseminar as suas ideias na educação.

Partimos do princípio que, fundamentalmente humano, o ato de educar ocorre de forma efetiva com exemplos e práticas. É importante partir da geografia, que surge no empírico, na observação, no/do cotidiano. Falamos de território(s) educativo(s), de partir da prática, do conhecimento prévio, da valorização do que os estudantes já conhecem e do que veem na televisão e/ou nas redes sociais, do que identificam onde moram ou onde a escola está localizada.

Em suas relações, a dimensão política da educação é comandada pelos interesses do capitalismo. Esse projeto passa pela análise de narrativas e estratégias ideológicas presentes nos discursos hegemônicos do agronegócio (MONTEIRO, 2024), que atingem a Educação e adentram na sala de aula. Além de denunciar e analisar mais essa ofensiva do capital, buscamos desconstruir discursos que, engendrados nesse processo, naturalizam, anulam ou invisibilizam a existência de outros produtores e outras formas de produzir, por exemplo.

## **METODOLOGIA**

Em suas articulações, esclarecidos na introdução, o objetivo geral e a questão central norteiam o estudo vigente. A metodologia de pesquisa utilizada incluirá as interações analíticas e processos, iluminando a teoria e a prática em suas relações. Na operacionalização da pesquisa, passamos pelo levantamento bibliográfico dos principais conceitos trabalhados e englobamos os procedimentos relacionados à coleta e ao tratamento de dados primários e secundários.

Júlia Adão Bernardes e Paulo Freire, respectivamente, embasaram o debate teórico no campo do agronegócio e da Educação à luz de uma metodologia de pesquisa pautada na práxis. Dentre outros, como já destacado, contamos com autores como: Milton Santos, Lana de Souza Cavalcanti e Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro. Ademais, a análise incluirá a leitura crítica de documentos como os PCNs e a BNCC.

Espaço e território, agronegócio e análise de discursos; Educação, escola, currículo, território educativo e material didático foram alguns dos conceitos e/ou categorias de análise que assumiram importância, embasando, assim, o levantamento bibliográfico.





Além do próprio levantamento bibliográfico, nas próximas etapas da pesquisa, englobaremos os procedimentos relacionados à coleta e ao tratamento de dados primários e secundários. Cabe ressaltar que a pesquisa está em seu início e que os resultados futuros passarão pela elaboração de tabelas, gráficos, infográficos, esquemas, fluxogramas, contará com fotografias, desenhos, imagens, mapas mentais e, sobretudo, recursos cartográficos, que permitirão a sistematização em níveis analíticos e técnicos, podendo ser adaptados e incorporados em materiais didáticos de geografia, instrumentalizados no processo de construção de um pensamento crítico direcionado à construção de discursos contra-hegemônicos acerca da temática.

Caminhando da teoria para a prática, também, nos permitirá pensar e fazer propostas no caminho inverso, indo da prática à teoria.

O recorte temporal está pautado nos anos 2000, período em que a produção do agronegócio brasileiro alcançou patamares nunca antes atingidos, sobretudo na região Centro-Oeste. Esse período marcou a intensificação da produção, a formação e a consolidação de complexas cadeias produtivas. Sob esta perspectiva, vale destacar que 2016 foi o ano de lançamento da campanha “Agro é Tech, agro é pop, agro é tudo”. No campo da Educação, por outro aspecto, a BNCC foi homologada e implementada, gradualmente, a partir de 2017, traçando novas exigências para os componentes curriculares em termos de currículo. O intuito é trabalhar com competências e habilidades de geografia, que devem ser desenvolvidas nos Anos Finais do Ensino Fundamental de acordo com a BNCC.

Atualmente, a BNCC é o documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas nas redes públicas e privadas da Educação Básica Brasileira. Esse documento norteou a reformulação do currículo das redes escolares brasileiras, sinalizando competências (conceitos e procedimentos) e habilidades (práticas, desenvolvimento das competências) que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade.

Base da prática pedagógica, no currículo escolar, objetiva ou subjetivamente, falamos de aspectos pedagógicos, políticos e administrativos. Enquanto documento normativo, o currículo é referência para a gestão e para a organização do conhecimento escolar ao passo que define e apresenta os conteúdos, as competências e as habilidades a serem desenvolvidos em sala de aula.

Não podemos falar em currículo sem considerar o currículo oculto, que se refere às normas, às atitudes e aos valores que estão incutidos nas relações que se estabelecem na vida cotidiana. Afinal, a cultura dominante não está entranhada apenas na forma e no conteúdo do conhecimento expressos de forma explícita (GIROUX, 1986).



Segundo Paulo Freire (2005, p. 44 [1996]), há uma natureza testemunhal nos espaços, lamentavelmente, relegados nas escolas. Ensinar exige pesquisa e exige respeito aos saberes dos educandos, uma educação que transforma o lugar em que o educando vive em território educativo (FREIRE, 2005, p. 29-30 [1996]).

Em suma, para operacionalizar essa pesquisa e alcançar os resultados futuros, passaremos por três fases fundamentais: o levantamento bibliográfico, tendo como base os conceitos e autores supracitados, além do estudo de documentos como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Para o levantamento de dados secundários e para a formulação de tabelas, gráficos e mapas, utilizaremos, sobretudo, o SIDRA/IBGE (Sistema IBGE de Recuperação Automática), onde coletaremos dados relacionados à produção como: quantidade produzida, área plantada e produtividade, por exemplo. No que se refere aos dados relativos ao mercado de trabalho, a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) será a nossa referência. Ademais, levantaremos dados primários por meio de trabalhos de campo e de entrevistas com professores e/ou alunos de escolas públicas (Ensino Fundamental).

Vale ressaltar que, pela experiência adquirida na Rede Estadual e na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro como professora de geografia do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, é possível afirmar que, nessa pesquisa, os dados primários também virão de nossa experiência na sala de aula e da experiência de trabalhar na Secretaria Municipal de Educação (Nível Central) por cerca de nove anos. A última experiência incluiu a passagem por equipes como: Avaliação, GFP (Gerência de Fomento à Pesquisa) da Escola de Formação Paulo Freire, Educopédia e GITE (Gerência de Inovação e Tecnologia Educacional), GPEC (Gerência de Projetos de Extensão Curricular) e a GAF (Gerência de Anos Finais). Nesse contexto, chegamos a atuar na consultoria no âmbito da Revisão das Orientações Curriculares de Geografia da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, momento em que surgiu o convite para elaborar o Material Rioeduca de Geografia dos Anos Finais. Por fim, destacamos a experiência em EAD no curso de Licenciatura em Geografia do CEDERJ, onde também atuamos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Pautaremos a pesquisa na análise crítica da construção de narrativas sobre o agronegócio no Brasil, tendo como base a entrada de discursos do agronegócio na Educação e sua abordagem nas escolas.



Nos anos 2000, a produção brasileira no âmbito do agronegócio alcançou elevado nível produtivo em um contexto em que destacamos a produção da região Centro-Oeste. Tendo como base significativas mudanças, que articulam inovações técnicas, metamorfoses no mundo do trabalho e (re)organização espacial (VIEIRA, 2018), esse período marcou a intensificação da produção, a formação e a consolidação de complexas cadeias produtivas.

Aqui, cabe destacar a campanha publiciditória “Agro é Tech, agro é pop, agro é tudo”, slogan, que marcou a ação de marketing “Agro: a Indústria Riqueza do Brasil” promovida pela Rede Globo de Televisão em rede nacional. Essa campanha fez referência ao agronegócio brasileiro e entendemos que foi uma forma de difundir e defender os interesses desse setor político-econômico. Poucas são as pessoas que nunca viram as imagens coloridas e modernas da campanha, que, transmitida a partir de 2016, publicizou a ideia do agronegócio como o motor do país: a "riqueza do Brasil" (MACIEL, SANTOS, SILVA, 2019).

Narrativas “acríticas” acerca do agronegócio brasileiro adentraram e ainda adentram nas casas e nas escolas, marcando presença por meio de discursos, de aulas e de materiais didáticos (livros, apostilas e cadernos de atividades, dentre outros). Falamos da maneira como a apropriação da terra é realizada; da expulsão de populações tradicionais; do suor e do sangue dos trabalhadores; das pessoas que ainda vivem em condições análogas à escravidão. Falamos do desrespeito e dos ataques ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), do desmatamento; falamos da implementação de um processo produtivo centrado na técnica em meio às tentativas de invisibilizar o trabalho e o trabalhador. Falamos do trabalhador que, migrando em busca de trabalho no agronegócio, sofre preconceitos, é violentado e assediado de diversas formas. Essas são apenas algumas problemáticas, que, relacionadas à temática, podem acabar ficando de fora de um debate “acrítico” sobre o assunto.

No campo da Educação, a BNCC, que foi homologada e implementada, gradualmente, a partir de 2017, traçou novas exigências em termos de abordagem do currículo no que se refere aos componentes curriculares. Nas próximas etapas da pesquisa, destacaremos competências e habilidades de geografia, que estabelecem relações com o tema e que são trabalhadas, sobretudo, nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Propagados por meio da televisão e das diversas mídias digitais, discursos como os disseminados pela campanha supracitada atingem diferentes públicos e chegam às salas de aula em escolas públicas e privadas. Em um primeiro momento, a campanha que citamos pode parecer apenas buscar conectar o consumidor com o produtor rural. Entretanto, ela faz parte de um processo mais longo e cheio de meandros, que, na busca por desmistificar o que chamam



de mitos em torno do agronegócio, desqualifica o debate crítico sobre a temática em distintas escalas de atuação.

Para disseminar tais ideias, muitas vezes, utilizam-se não só materiais didáticos, mas as próprias orientações curriculares implementadas e documentos oficiais, que regem a elaboração de tais currículos. De forma específica, como tem se dado esse processo no campo da geografia? Esse é um dos questionamentos que nos direcionam nessa pesquisa.

A educação e o ato de educar em si passam pela aplicação de métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano. Em concordância com Paulo Freire (1987, 2005), vemos a educação como um ato político capaz de libertar os indivíduos por meio de uma consciência crítica e transformadora.

Essa educação deverá valorizar e incentivar a criticidade do estudante, ultrapassando os limites das disciplinas/componentes curriculares (Geografia, Português, Matemática, História e Artes, dentre outras). Nesse sentido, a educação, além de não ser neutra, torna-se um instrumento de prática da liberdade, onde homens e mulheres enxergam a realidade de forma crítica e descobrem como participar ativamente da transformação do mundo.

Nesse contexto, a escola é vista como o lugar em que as distintas realidades sociais e políticas são discutidas a fim de desenvolver posicionamentos críticos. Reflexões e ações transformadoras são acionadas, revelando as conexões escalares, que vão do local ao global e vice-versa. A importância da educação ultrapassa e muito o conhecimento teórico dos componentes curriculares, contribui para a formação cidadã e pode promover a transformação do meio social.

Essa visão inclui a busca por um olhar complexo sobre o todo da realidade escolar, que se constrói e se reconstrói no tempo e no espaço de distintas formas e em concordância com o arranjo e a disposição de elementos concretos e abstratos, mas de ambas as formas, reais e presentes no processo de ensino-aprendizagem.

Para realizar essa pesquisa, passaremos por debates acerca de conceitos e categorias de análise que viabilizarão a construção de uma abordagem crítica sobre o agronegócio, que incluirá reflexões sobre o conceito de espaço apreendido como território, narrativas sobre o agronegócio; comunicação em massa e propagandas; sobre a Educação, considerando reflexões sobre currículo, currículo oculto, território educativo e material didático.

No processo de desenvolvimento da pesquisa, de maneira geral, contaremos com autores como os que seguem: Milton Santos, Júlia Adão Bernardes, Guilherme Costa Delgado, Henry Giroux, Lana de Souza Cavalcanti e Paulo Freire. Por ser referência no estudo do agronegócio, os trabalhos de Júlia Adão Bernardes serão primordiais na totalidade da pesquisa.





Paulo Freire embasará todo o debate teórico estabelecido no que tange ao campo da Educação, o que inclui reflexões travadas em sua obra “A pedagogia da autonomia” e o próprio conceito de território educativo em particular.

Intitulada como “Geografias dos discursos hegemônicos: estratégias do agronegócio brasileiro na educação”, a tese de doutorado de Daniel Macedo Lopes Vasques Monteiro, defendida em 2024, será de grande valia nessa pesquisa. A tese foi defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob orientação da professora Júlia Adão Bernardes. Nela, o autor trata do projeto político do agronegócio brasileiro, considerando estratégias utilizadas para disseminar as suas ideias na educação.

Visto como instrumento pedagógico de apoio e orientação ao discente, o material didático é um dos recursos utilizados em um procedimento de ensino, visando estimular o estudante ao aproximá-lo do conteúdo. Material didático utilizado na Rede Municipal de Ensino da cidade do Rio de Janeiro, o Material Rioeduca é elaborado por professores da rede. Esse material é disponibilizado para todos os alunos das unidades escolares de forma digital no site Rioeduca e é distribuído de forma impressa para cada escola, sendo recebido por cada aluno. Fizemos parte da equipe de elaboração e de revisão desse material por cerca de cinco anos, encerrando esse trabalho em 2022. Parte dessa experiência será trabalhada e aprimorada nessa pesquisa.

Na elaboração do Material Rioeduca, os conceitos e princípios geográficos foram desenvolvidos, considerando experiências docentes e discentes ao associar saberes aos significados atribuídos ao espaço geográfico. Referenciando Luiz Antônio Simas (2021), entendemos que os que são comprometidos com a tarefa de invenção do país nas encruzilhadas da educação não poderão se esconder em seus aparatos teóricos, leituras clássicas e ideologias.

Afinal, a educação também está fora dos muros das escolas (SIMAS, 2021) e a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível e que não deve ser subestimado. O discurso ideológico nos ameaça por anestesiar a mente, por confundir a curiosidade, por distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos (FREIRE, 2005, p. 132). Importa falarmos, portanto, de contrapontos caracterizados pelos agentes do agronegócio como “obstáculos”, “atrasados” e “obsoletos”. É a partir da existência desses contrapontos, porém, que emerge o cenário de luta e não aceitação da imposição dominante desse sistema excludente, autoritário, elitista, violento e impositivo (MONTEIRO, 2024).



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensinar exige curiosidade, criatividade e reflexões críticas, inclusive, sobre a própria prática. Exige pesquisa, método, respeito aos saberes dos estudantes, consciência do inacabamento, reconhecimento da inexistência da neutralidade, exige esperança, apreensão da realidade e, sobretudo, convicção de que a mudança é possível e que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Ensinar é reconhecer, inclusive, que a educação é ideológica. (FREIRE, 2005).

Pensar em televisão e na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, que, sem neutralidade, é feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre referido de forma clara. Falamos da ideologia da comunicação, que, oculta verdades e a própria ideologização existente no processo comunicativo. (FREIRE, 2005).

Pesquisar e refletir sobre o ensino passa pela elaboração de estratégias e metodologias de construção do conhecimento na geografia escolar (CAVALCANTI, 2008). No processo de elaboração de material didático, contínuos devem ser os questionamentos e as trocas com outros docentes e com educandos, o que passa por reflexões sobre a nossa própria prática.

Esse processo exige criticidade e a capacidade de sair de sua própria “bolha” para tentar se colocar no lugar dos(das) estudantes e de considerar as múltiplas realidades vivenciadas, assim como as distintas formas de existir, de morar e de experienciar os lugares. Apontando para resultados no avançar dessa pesquisa, criamos um esquema para apresentar alguns dos principais aspectos, que consideraremos no processo de elaboração de materiais e/ou atividades didáticos de geografia.

Esquema: Material didático de geografia





Antes, durante e após a criação do material, será necessário analisar o processo de elaboração, refletindo sobre as sequências didáticas, que poderão ser incorporadas. Conjunto de explicações e de atividades, que articuladas, serão planejadas com a intenção de trabalhar competências e habilidades definidas pela BNCC, as sequências didáticas poderão nos ajudar a atingir os distintos objetivos traçados.

Intentaremos envolver diferentes conhecimentos, que, articulados, poderão incluir componentes curriculares e gêneros textuais distintos. Afinal, acreditamos que inúmeras e diversas podem ser as formas de elaborar esse material. No quadro a seguir, destacamos alguns dos pontos que, também, fundamentarão e pavimentarão parte do caminho metodológico e da lógica, que estarão presentes no interior desse processo.

Explicitando o quadro, em linhas gerais, até aqui, concluímos que as sequências didáticas criadas precisarão incluir aspectos como os que citamos a seguir: contextualização; apresentação de situações-problema; apresentação ou assimilação de conceitos; uso de diferentes gêneros textuais (fotografias, imagens, mapas, plantas, documentos, desenhos, charges, ilustrações, tirinhas, poemas, slam de poesias, histórias em quadrinhos, notícias de jornal, filmes, reportagens, propagandas, entrevistas e letras de canção, dentre outros); atividades que tenham como ponto de partida a realidade dos alunos; reflexões críticas (intervenção do estudante como sujeito, como cidadão); atividades mais abertas, que permitam que o docente faça ampliações e adaptações/adequações.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA ÚNICA FORMA DE PENSAR? DIVERSAS FORMAS DE ELABORAR!						
Contextualização	Situação-problema	Apresentação ou assimilação do conceito	Fotografias, imagens, mapas, documentos	Atividades	Reflexão Crítica	Atividades de ampliação
Pré-leitura e/Leitura; Texto motivador; Uso de diferentes tipos de gêneros textuais.	Cases.	Sistematização do conhecimento.	<b>Gêneros Textuais:</b> charges, ilustrações, tirinhas, letras de canção, poemas, poesias (Slam de Poesias), histórias em quadrinhos, notícias de jornal, reportagens, entrevistas, sinopses de filmes, propagandas.	Articulação com a realidade do estudante.	Intervenção como sujeito.	Desafio; Saiba Mais; Dicas.



Em suma, considerando que há diversas formas de pensar e de abordar um mesmo assunto, sinalizamos diferentes maneiras de elaborar materiais didáticos, que versem sobre o campo e sobre o agronegócio (vide o quadro acima). Desafiador, esse processo exigirá trocas constantes com os nossos pares e, quando possível, com os próprios estudantes.

Nessa elaboração, a curiosidade, a criatividade e o desconforto, acompanhados pela busca constante por aperfeiçoamento, manter-se crítico e capaz de se atualizar e melhorar o material elaborado, serão algumas das metas a serem perseguidas. Acreditamos que, desenvolvidas, essas habilidades nos levarão a aperfeiçoar as atividades e/ou o material didático, atualizando não só as informações e os dados, mas a própria abordagem. Sob essa perspectiva, um material capaz de levantar discussões e repercutir problemáticas do tempo presente, perpassará pelo passado, viabilizando a construção de prospecções acerca do futuro.

Devemos construir significados e identificação, aplicando as temáticas estudadas à vida. É fundamental trabalhar a sensibilidade, as subjetividades, a realidade dos estudantes, do bairro/comunidade em que moram. O imaginário será trabalhado, colocando o estudante como protagonista nesse espaço em análise. Esse espaço que será construído enquanto e por meio do próprio processo de “autoconstrução” do estudante, que passará a se ver como protagonista social, criador de suas próprias histórias e agente de transformação.

Reflexivos e pesquisadores, professores e alunos estão em contínua transformação e aprendem uns com os outros. Diante do método de pesquisa proposto, os resultados futuros passarão pela elaboração de tabelas, gráficos, infográficos, esquemas, fluxogramas, fotografias, desenhos, imagens, mapas mentais e, sobretudo, recursos cartográficos, que permitirão a sistematização em níveis analíticos e técnicos, podendo ser adaptados e incorporados em materiais didáticos de geografia. Ultrapassando a teoria, apontamos para a construção de possíveis caminhos para abordar o tema de forma crítica em sala de aula, desconstruindo discursos hegemônicos e alienantes impostos pelos detentores do capital no campo do agronegócio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O agronegócio extrapola e muito os números de crescimento na produção e ultrapassa o debate acerca da produtividade dos setores envolvidos em suas cadeias produtivas. Pensar em agronegócio é pensar em cadeias produtivas complexas, que envolvem diversas dimensões. Analisadas em profundidade, tais dimensões formam uma teia de contextos sociais, onde ações





do Estado e de distintos agentes e/ou atores sociais ocorrem em meio a processos contraditórios, desiguais e combinados.

Os maiores defensores do agronegócio são os produtores agropecuários e empresários do setor, que objetivam fortalecer esse sistema produtivo na busca por maximização de lucros. Também são defensores do agronegócio aqueles que, indiretamente, beneficiam-se com os negócios e atividades econômicas, que compõem as cadeias produtivas do setor, como as grandes multinacionais de insumos e aparatos tecnológicos, além das redes de comercialização e marketing de produtos para o segmento. É nesta última que a indústria cultural possui relevante posição. (MACIEL, SANTOS, SILVA, 2019).

Pela força que têm dentro da sociedade, pelo poder de influência advindo do dinheiro, pelo status social e pela representação política marcada pela atuação da “bancada ruralista” no Congresso Nacional Brasileiro, a tendência é que esse grupo, o grupo dos grandes empresários ligados ao agronegócio, seja privilegiado na luta pela sobreposição de discursos, isto é, na sobreposição de um discurso hegemônico, que pode se tornar único, caso “espaço” e “voz” não sejam dados a todas as outras camadas da sociedade envolvidas nesse processo, ainda que a participação desses grupos seja realizada por meio de processos de exclusão.

Iluminar a existência de grupos excluídos ou precariamente incluídos na constituição dessas cadeias produtivas já é por si um ato de resistência, que nos permitirá mostrar outras narrativas e possibilidades de interpretação da realidade e de atuar socialmente. Na busca pela construção de um pensamento crítico e de uma educação emancipatória e libertadora, exercer esta forma de pensar é essencial no intento de construir um mundo menos desigual e mais justo. É não se conformar com o que já está posto na busca por tornar o refletir em agir e o agir em mudança, mesmo que paulatina, o que além de incluir problemáticas sociais, abre espaço para tratarmos de problemas ambientais, apontando para a trágica vulnerabilização dos mais pobres.

A campanha “Agro é Tech, agro é pop, agro é tudo”, por exemplo, contou com o poder de mercado, com a audiência e com o processo de constituição de formação de opinião de massa da Rede Globo de Televisão. A última auxiliou na construção de uma imagem positiva do sistema produtivo aqui abordado, sendo o agronegócio propagado como a única saída para o dinamismo do campo e modelo diante de uma crise econômica: “manteria o crescimento do Brasil” a partir da “indústria-riqueza do Brasil” (MACIEL, SANTOS, SILVA, 2019).

Nesse sentido, a atuação da propaganda na campanha publicitária citada ajudou a construir uma ideologia sobre o campo brasileiro, disseminando a ideia de que o sistema produtivo capitalista a partir do agronegócio é o ideal. Além disso, esse processo encobre e invisibiliza uma teia de relações existentes quanto aos modos de vida e de produzir no campo,



que passam, por exemplo, pelos pequenos produtores rurais, os quais exercem papel de destaque na produção agropecuária de abastecimento interno, são intensivos em trabalho e exercem papel de destaque para o setor rural em termos socioeconômicos.

O grande desafio, portanto, será o de tentar criar propostas de trabalho/atividades que partam do conhecimento prévio do estudante em um contexto de valorização de saberes locais, familiares e comunitários. Uma complexa trama de relações e de contradições é exibida por meio de narrativas, que abrem espaço para o protagonismo estudantil, gerando mais autonomia e independência.

## REFERÊNCIAS

BERNARDES, Júlia Adão. Novas fronteiras do capital no Cerrado: dinâmica e contradições da expansão do agronegócio na região Centro-Oeste, Brasil. *Geocrítica. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. Vol. XIX, núm. 507, 15 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-507.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

BERNARDES, Júlia Adão. Mudança técnica e espaço: uma proposta de investigação. In: CASTRO, I. E. de, et al. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e temas*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007 [1996], p. 239-270.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. *Base Nacional Comum Curricular: BNCC*, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CAVALCANTI, L. S. *A geografia escolar e a cidade: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papyrus, 2008.

DELGADO, G. C. *Do capital Financeiro na agricultura à Economia do Agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1985-2012)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª edição. São Paulo: Paz e Terra. 2005 [1996].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROUX, Henry. *Teoria e resistência em educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MACIEL, Kleciane Nunes; SANTOS, Anderson David Gomes dos; SILVA, Danielle Viturino. A campanha publicitária “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, da Rede Globo de Televisão, como difusora da propaganda sobre o agronegócio no Brasil. *Revista EPTIC*, vol. 21, n. 1, Jan.-Abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epti,c/article/view/10910/8460>. Acessado em: 25 nov. 2024.



MONTEIRO, Daniel Macedo Lopes Vasques. Geografias dos discursos hegemônicos: estratégias do agronegócio brasileiro na educação. Rio de Janeiro: **Tese de doutorado** (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª edição, São Paulo: Hucitec, 2006 [1996].

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 9ª ed., 2021.

VIEIRA, Nivea Muniz. O trabalho invisibilizado pela técnica: o segmento avícola da cadeia carne/grãos em Lucas do Rio Verde. São Paulo. **Tese de doutorado** (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2018. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-25042018-095016/publico/2018\\_NiveaMunizVieira\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-25042018-095016/publico/2018_NiveaMunizVieira_VCorr.pdf). Acessado em: 22 jul. 2025.